

## O TRABALHO COM A DIVERSIDADE NAS ESCOLAS

Alice Gritti, Edilaine Fernandes de Melo, Silvana Pereira Cardoso de Oliveira

### Resumo

O campo político e social brasileiro, nas últimas décadas, tem sido marcado por temas relacionados à diversidade humana, especialmente temas relacionados a raça, gênero, comportamento sexual e estado físico e / ou intelectual. O movimento de defesa do respeito à diversidade é uma ação política, cultural e social, fundamentada nos princípios de igualdade de tratamento e oportunidades estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU, 1948) como direitos humanos em todo o mundo e na Constituição Federal (1988), vem buscando promover políticas públicas inclusivas em todos os setores da sociedade brasileira. Ao nível da educação, esta medida tem provocado mudanças estruturais e até culturais nas escolas para fazer face às necessidades especiais dos alunos no processo de escolarização, com o objetivo não só de garantir oportunidades de admissão, mas também de participação e aprendizagem de todos.

**Palavras-chave:** educação, oportunidades, igualdade, diversidade.

### 1. Introdução

Nesse novo paradigma da educação brasileira, as escolas integradas deixam de se limitar a “alunos especiais” com amparo legal e passam a ser concebidas numa perspectiva mais ampla, como um espaço que congrega as diferenças no processo de aprendizagem para acolher crianças e jovens com ou sem problemas de aprendizagem, com cores, raças e condições físicas diversas (MACEDO, 2005).

Ainda que os avanços científicos, políticos e sociais sejam inegáveis no campo da educação inclusiva, é preciso salientar que incluir, de fato, vai além da formulação de leis e/ou decretos e da ampliação de matrículas na rede regular, visto que existem vários fatores diretamente envolvidos nesse processo e que podem conduzir à práticas excludentes no ambiente escolar. (LUCKESI, 2008).

O primeiro passo rumo ao olhar inclusivo envolve mudar a cultura tradicional da visão única do processo de ensino, que se expressa na homogeneização de ritmos, estratégias e propostas, o que implica essencialmente mudar a forma de compreender e atender à diversidade. Tal mudança requer o olhar sensível do professor em sala de aula e também a continuidade em sua formação profissional para ampará-lo na criação de estratégias diferenciadas que possibilitem a todos acompanhar o processo de aprendizagem. (BLOOM, et. al., 1983).

O segundo passo prescinde da participação dos setores da escola em um trabalho conjunto para acolher, mediar as situações de interação e conflito, assim como combater qualquer forma de discriminação ou preconceito que possa surgir, seja por deficiência física, desempenho escolar, credo religioso, opção sexual, condição socioeconômica ou racial. (BLOOM, et. al., 1983).

## 2. Desenvolvimento

Uma sugestão de estratégia a ser utilizada para garantir o trabalho com a diversidade, será a leitura de livros paradidáticos que tratem da diversidade presente em grupos étnicos africanos, desconstruindo estereótipos e fornecendo elementos para a comparação de hábitos, costumes e crenças entre culturas, sem o prevailecimento de modelos ou padrões. Essa opção metodológica amplia as possibilidades de discussão com os alunos no Ensino Fundamental e tem sido utilizada principalmente para trabalhar a temática da diversidade, presente no currículo de História e de Ciências (o conteúdo aparece como tema transversal, dialogando com todas as outras disciplinas). Os livros paradidáticos escolhidos para o desenvolvimento do trabalho devem fomentar o diálogo com as crianças sobre esse tema, a partir do momento que as aproxima de uma nova realidade com a qual começam a estabelecer relações. (HOFFMANN, 1998).

Pensando em alunos de um segundo ano do EF, a construção do sentimento de grupo, promovendo momentos de integração e conhecimento uns dos outros, o reconhecimento de semelhanças e diferenças contribui para a formação da identidade dos sujeitos. Essa abordagem parte da exploração e valorização das características individuais dos alunos, de suas heranças culturais ao mesmo tempo em que se estabelece um paralelo com as características dos outros. O grupo constrói então a percepção de que cada indivíduo é único e que deve ser valorizado e respeitado. É quase unânime, para todos os paradigmas que sustentam as teorias educacionais utilizadas nas escolas contemporâneas, a função da escola enquanto espaço de formação de cidadania. Para uma educação comprometida com transformação, a escola é um importante território para o desenvolvimento de uma sociedade mais fraterna, justa e humanizada. (BERGAMINI, 2016, p.10).

Dessa forma, devem ser elaboradas atividades que buscam proporcionar momentos de aproximação das crianças com a temática africana, ampliando os seus olhares para a diversidade humana, por meio do estímulo visual, do diálogo e da vivência de situações apresentadas nos contos africanos infantis. Esse tipo de abordagem favorece ao aluno negro se identificar com a sua ancestralidade, exaltando suas características e o sentimento de pertencimento e valorização. (FERNANDES, 2009).

Trabalhar com os alunos o mapa do continente africano, para que demonstrem o conhecimento que possuem a respeito da geografia, da cultura e dos povos que lá habitam. Dando continuidade ao momento de sensibilização, oferecer o globo terrestre e algumas imagens selecionadas sobre os povos, costumes e paisagens africanas bem variadas. Algumas imagens dos países que compõem o continente africano devem ser projetadas para que os alunos possam perceber a diversidade geográfica da região, enquanto eram estimulados a estabelecer comparações com a realidade que temos em nosso país, em nossa cidade. Em seguida, deve se pedir aos alunos que representem, por meio de desenhos, um aspecto do continente africano considerado importante para eles.

Na faixa etária em questão, príncipes, princesas, reis e rainhas assumem lugar de encantamento no imaginário infantil. Por isso, com a intenção de ampliar essas possibilidades e de desconstruir a ideia de que esses personagens só existem com as características eurocêntricas, indica-se o livro paradidático “Princesas africanas – Leituras Compartilhadas” publicado por Leia Brasil. Esse livro, de autores brasileiros, reúne uma coletânea de vários contos que retratam paisagens e histórias de princesas, fadas, rainhas e reis negros, africanos e brasileiros. Após a leitura da história, os alunos devem ser convidados a refletirem um pouco sobre tudo o que ouviram

Em conclusão, o projeto de intervenção com a diversidade deve dar a oportunidade aos alunos de refletirem sobre sua identidade a partir do outro. Os debates construídos na alteridade podem conduzir a mudança de atitudes nos alunos, tornando-os mais tolerante às diferenças, permitindo se conhecer e se descobrir enquanto grupo.

Sugestão de um cronograma de aplicação:

Semana 1- Leitura de livros paradidáticos que tratam da diversidade presente em grupos étnicos africanos, desconstruindo estereótipos e fornecendo elementos para a comparação de hábitos, costumes e crenças entre culturas, sem o prevailecimento de modelos ou padrões.

Semana 2- Desenvolvimento de atividades lúdicas visando a construção do sentimento de grupo, promovendo momentos de integração e conhecimento uns dos outros, o reconhecimento de semelhanças e diferenças contribui para a formação da identidade dos sujeitos.

Semana 3- Elaboração de atividades que buscam proporcionar momentos de aproximação das crianças com a temática africana, ampliando os seus olhares para a diversidade humana, por meio do estímulo visual, do diálogo e da vivência de situações apresentadas nos contos africanos infantis.

Semana 4- Trabalhar com os alunos o mapa do continente africano para que demonstrem o conhecimento que possuem a respeito da geografia, da cultura e dos povos que lá habitam. Dando continuidade ao momento de sensibilização, oferecer o globo terrestre e algumas imagens selecionadas sobre os povos, costumes e paisagens africanas bem variadas

Semana 5- Trabalhar com o livro paradidático “Princesas africanas – Leituras Compartilhadas” publicado por Leia Brasil. Após a leitura da história, os alunos devem ser convidados a refletirem um pouco sobre tudo o que ouviram

### **3. Conclusão**

A diversidade nas escolas consiste na representação de diferentes grupos no ambiente escolar, o que contribui muito para o ensino das diferenças. Mais do que isso, facilita o trabalho em grupo, evita

sofrimento e constrangimento, melhora o ambiente e facilita o trabalho dos educadores. Quando se fala em diversidade, faz-se referência às diferentes formas de existir no mundo. Como prevê a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, da Unesco, “a difusão da cultura e a educação da humanidade para a justiça, a liberdade e a paz são indispensáveis à dignidade humana e constituem um dever sagrado que todas as nações devem cumprir com espírito de assistência mútua”. Dessa forma, a diversidade nas escolas justifica-se pelo papel transformador que a educação carrega. Por meio dos processos educativos, é possível construir uma nova sociedade com base no respeito e na valorização das diferenças.

## **Referências**

BLOOM, B.; HASTINGS, J. T.; MADAUS, G.F. (1983). **Manual de Avaliação Formativa e Somativa do Aprendizado Escolar**. Trad. Lílian Rochlitz Quintão. São Paulo: Livraria Pioneira Editor.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

GONCALVES, Adair Vieira; NASCIMENTO, Elvira Lopes. **Avaliação formativa: autorregulação e controle da textualização**. Trab. linguist. apl., Campinas, v. 49, n. 1, p. 241-257, June 2010.

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito & desafio**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Natália Luiza; MENDES, Olenir Maria. **Avaliação formativa no ensino superior: avanços e contradições**. Avaliação (Campinas), Sorocaba, v. 22, n. 1, p. 271-297, Apr. 2017 .